

# PEDRO PEREIRA LEITE



## **A Miséria da Museologia**

### **Reflexões sobre a museologia social em Portugal**

Informal Museology Studies nº 5

Spring 2014



Ficha Técnica:  
**Informal Museology Studies**  
Papers on Qualitative Research  
Issue 5 – Spring 2014  
Directory  
Pedro Pereira Leite  
ISSN – 2182-8962  
Editor: Pedro Pereira Leite  
Publisher: Marca d' Água: Publicações e Projetos  
Redaction: Casa Muss-amb-ike  
Ilha de Moçambique,  
3098 Moçambique  
Lisbon: Passeio dos Fenícios, Lt. 4.33.01.B 5º Esq.  
1990-302 Lisbon –Portugal

## Conteúdo

A Miséria da Museologia:.....	4
Museologia social em Portugal .....	5
Sete museus com trabalho de museologia social em Portugal.....	11
Monte Redondo- Leiria .....	11
Entradas Castro Verde – Museu da Ruralidade .....	12
Setúbal – Museu do Trabalho .....	13
Batalha – Museu da Comunidade Concelhia .....	13
Castelo Branco – Museu Francisco Távares Proença Júnior .....	14
São Pedro da Cova – Museu Mineiro .....	14
A relevância da museologia social em Portugal.....	16
Que nova museologia para a inovação social .....	19
A Miséria da Museologia e a Inovação Social .....	23
Bibliografia .....	27

## **A Miséria da Museologia:<sup>1</sup>**

Os primeiros anos do novo milénio trouxeram para a história dos movimentos sociais novas formas de organização, novas ideias e novos protagonistas. Qual o lugar da museologia social em Portugal no âmbito destes movimentos sociais é a linha que nos orienta neste artigo?

Em Portugal constituiu-se em 1985 o Movimento Internacional para Uma Nova Museologia, um grupo de reflexão sobre os processos e as práticas duma museologia comprometida com as comunidades e com os territórios. Tal sucedeu devido à vitalidade dessa museologia social, em grande parte herdada da intensa atividade dos movimentos sociais iniciado com o processo revolucionários de 25 de Abril de 1974. Este artigo procura inventariar de que forma esta museologia social está a traduzir os movimentos sociais contemporâneos em Portugal.

Portugal é hoje um País envolvido numa severa crise social, política, económica e cultural. Uma crise que para além de tudo é sobretudo uma crise cultural. O que está hoje em causa é a substituição da democracia pela tecnocracia. Para quem pertence à geração da democracia e que entrou na vida pelas portas que Abril abriu, não pode deixar de estranhar que esse património secular seja agora esbanjado em nome de valores estranhos à deliberação das organizações sociais. Não pudemos deixar de nos indignarmos por esta substituição do método democrático e participativo pelo método burocrático e autoritário. Neste artigo olhamos para o que está a acontecer no campo da museologia social em Portugal, para procurarmos refletir sobre os caminhos da inovação social na museologia em Portugal.

---

<sup>1</sup> Uma versão reduzida deste trabalho foi publicada no Boletim do MINOM. N.º 2 III Série, Março 2014, pp 22-24

## Museologia social em Portugal

Portugal foi o *locus* onde se constituiu este Movimento Internacional para uma Nova Museologia em 1985. Muito se tem falado desta cronologia. Muito se tem refletido no porque desta criação. As coisas das criações dos movimentos não são por acaso. No caso concreto, decorridos que eram onze anos sobre a democratização, considera-se que nesse movimento se catalisou um conjunto de forças e projetos culturais na busca de iniciativas de base local empenhadas, quer na resolução dos problemas das comunidades locais, quer no desenvolvimento de iniciativas de desenvolvimento local, muitas delas com base em projetos de natureza cultural. Grosso modo, considera-se que o processo social, no campo da museologia, acabou por se cristalizar neste movimento.

O Kairos da MINOM, no sentido do aproveitamento da oportunidade do tempo, terá sido esta capacidade de reunir muitas dessas iniciativas acabassem por desembocar em experiências museológicas. Esta nova museologia em Portugal acaba por acolher e decantar muita dessa experiência do movimento social que então se gerou.

Não faltarão exemplos dessa riqueza museológica, embora muitas dessas experiências se tenham perdido na memória dos seus agentes. Há época os processos comunicativos eram bem diferentes dos atuais, e o registo e a reflexão sobre a ação nem sempre faziam parte da riqueza produzida pela ação social. Como temos acesso através do arquivo do MINOM, em boa hora digitalizado os processos acabavam por ter um ciclo de vida bastante curto e um raio de influência limitado. Muitas destas experiências estão agora limitadas ao domínio da oralidade.

Argumentamos aqui que, como premissa de base, que a constituição em Portugal do MINOM, não menosprezando as importantes experiências à época noutras latitudes, resultou numa boa medida da riqueza e diversidade das experiências museológicas portuguesas, herdadas desse intenso período da construção da democracia. Tal fato também não será alheio, a existência em Portugal dum grupo MINOM Portugal<sup>2</sup>, que embora plenamente integrado no MINOM

---

<sup>2</sup> Os documentos relativos a este movimento podem ser consultados em [http://www.minom-icom.net/\\_old/signud/](http://www.minom-icom.net/_old/signud/)

Internacional, num caso que nos parece único neste universo, procura através da mobilização dos membros desse território, refletir a nova museologia numa base nacional. Realizou, por exemplo nestes quase trinta anos 22 e dois encontros sobre a “Função Social dos Museus” e 17 encontro sobre “museologia e autarquias”, para além de um conjunto de iniciativas e encontros mais delimitados.

Também uma boa parte desse esforço de reflexão e prática sobre a Museologia Social se traduziu na constituição em 1993, na Universidade Lusófona, do primeiro programa de pós-graduação em Museologia Social, em 2001 do Mestrado em Museologia e em 2007 do programa de doutoramento em museologia. Programas académicos que contam com a colaboração dos membros desse MINOM, permitindo que aos diversos investigadores tomarem conhecimento com problemas e práticas desta nova museologia em diferentes latitudes. Para além disso, conta ainda com a publicação, desde 1993, de 44 números dos Cadernos de Sociomuseologia, local onde são publicados inúmeros textos de reflexão sobre essa museologia social.

Será portanto de esperar, face a um tão elevado resultado da atividade dos membros que seja possível encontrar em Portugal uma importante expressão, desta nova museologia nos diversos espaços e processos museológicos. Todavia não é essa a situação. Apesar duma elevada números de experiências, muitas delas ainda a aguardar uma reflexão mais profunda, contam-se pelos dedos duma mão os casos de práticas dessa nova museologia. Já lá iremos a essas razões e a esses casos.

Entre os membros portugueses desta nova museologia não faltam reflexões para essa situação. Há quarenta anos, a revolução democrática foi um importante contexto para o desenvolvimento de movimentos sociais. Muitos desses processos, de desenvolvimento de ações de divulgação cultural, de animação desportiva, de alfabetização, geralmente praticados por associações e grupos de moradores, acabaram, por diferentes vias, acabar por colocar as questões do património, da educação patrimonial na ordem do dia. Essa corrente de criação e inovação cultural, que se orientou para as questões patrimoniais (pois houve muitas outras correntes outras que se dirigiram para o teatro, para o cinema, para a música e a dança, para as cooperativas de produção e consumo, para o artesanato),

acabaram por afluir ao movimento de constituição do MINOM, tendo este movimento servido de organização matricial desde então.

Também, para a compreensão da vitalidade desse movimento em Portugal, também não é indiferente a ação do Instituto Franco-Português em Lisboa, liderado entre 1977 e 1987, por Hugues de Varine<sup>3</sup>. Hughes de Varine, antigo presidente do ICOM (1965-1974), havia participado no movimento de renovação da museologia europeia, tendo formulado o conceito de ecomuseu, um conceito que procurava aproximar a questão da museologia aos problemas sociais do contexto europeu nessa época.

Os conceitos de Ecomuseu, que alarga a ação do espaço museológico ao território envolvente, procurando mobilizar os recursos locais como instrumento do desenvolvimento, e o conceito de museus de comunidade, este mobilizando a comunidade como ator de desenvolvimento, constituirão, com o alargamentos da noção de objeto museológica, essa matriz ternária da nova museologia.

Essa riqueza que chega ao campo patrimonial por via dos movimentos sociais e a do regresso de Portugal á UNESCO<sup>4</sup>, ambos na sequência da revolução democrática, que propõe um novo tipo de planeamento nas organizações museológicas<sup>5</sup>, e a presença de Varine com as suas propostas de ecomuseu em diversos espaços<sup>6</sup>, explicam uma parte dessa vitalidade. É nesse contexto que quer Mário Moutinho e Manuela Carrasco, a partir de Monte Redondo, iniciam o seu trajeto de consolidação da Nova Museologia, Alfredo Tinoco, a partir da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, com a proposta de participação das comunidades na formação dos seus

---

<sup>3</sup> <http://www.world-interactions.eu/>

<sup>4</sup> Na sequência da política colonial, e da recusa da verificação dos mandatos sobre as suas colónias africanas, Portugal sofria pesadas sanções nas organizações internacionais, entre as quais a UNESCO em 1961, para ser

<sup>5</sup> Num Diagnostico elaborado em 1976 por Per Uno Agren, sobre "o estado da Museologia em Portugal, foram apontados falhas na gestão dos espólios; falta de legislação, a ausência de atividades educativa nos museus, tendo-se recomendado a criação duma Rede de colaboração nos museus, a criação ou renovação de museus regionais, um programa de colaboração entre poder central e poder local e a comunidade, programas de formação para os profissionais da área e programas de organização de museus (SIGNUD, documento nº 31).

<sup>6</sup> O primeiro ecomuseu proposto por Varine, em 1977, era na Serra da Estrela, um maciço montanhoso, terras frias de pastores, que por diversas razões não de consolidará. Apenas em 1982, no Seixal, através dos trabalhos de António Nabais e Graça Filipe será criado um ecomuseu. [http://www2.cm-seixal.pt/ecomuseu/apresentacao/apres\\_home.html](http://www2.cm-seixal.pt/ecomuseu/apresentacao/apres_home.html)

patrimónios do trabalho (museus mineiros, museus têxteis, museus das indústrias conserveiras, museus das pescas).

Ora se esse caldo de cultura de inovação explica a vitalidade do movimento dessa nova museologia em Portugal, o que sucede ao país com a adesão às Comunidades Europeias, com a introdução de novas formas de organização da cultural, com a implementação de políticas públicas na área da cultura, com acesso a fundos comunitários para a construção de espaços culturais, explica, em parte, que toda a riqueza da experiência dos movimentos sociais para um plano secundário. Salvo algumas exceções, a maioria das intervenções museológicas acaba por se integrar em estruturas hierárquicas, na dependência de terceira instituições que asseguravam o financiamento da atividade. A vitalidade das ações informais vai-se perdendo à medida que os formalismos institucionais aumentam. Com essa integração institucional os atores perdem criatividade, ganham rotinas e perde-se grande parte de espontaneidade

Pode-se portanto considerar, que em paralelo com a consolidação da reflexão teórica, através da sua integração na Universidade<sup>7</sup>, a maturidade do pensamento sociomuseológico em Portugal, incluindo a sua profunda influência no mundo da Nova museologia, se foi ampliando, simultaneamente com uma diminuição da capacidade de criação de inovação museológica.

Deste modo estamos perante um aparente paradoxo, onde em paralelo com o aumento do número dos profissionais não se verifica, aparentemente, o equivalente aumento nas experiências e práticas de inovação dessa nova museologia. A tudo isso, se adicionarmos o envelhecimento natural dos protagonistas, explica em parte esta contradição. Isso aliás não é nada que não tenha já sido refletido no âmbito dos encontros do MINOM<sup>8</sup>, onde se tem detetado, uma preocupação com a vitalidade e a projeção da museologia social em Portugal.

No nosso ponto de vista há evidentemente boas razões para olhar para aquilo que construíam as ideias iniciais, os objetivos e comparar com os seus resultados. Efetivamente, todos nós sabemos que a

---

<sup>7</sup> A formação em museologia social, que se inicia com Mário Moutinho e Hugues de Varine em 1982, através de ações formação informais, consolida-se a partir da 1991.

<sup>8</sup> <http://www.minom-portugal.org>

dimensão da utopia raramente coincide e se conjuga de forma satisfatória com a dimensão do real. Muitas dessas razões estão claramente identificadas e ensaiam-se formas de as ultrapassar, seja através da renovação dos membros, seja na busca de novas formas de organização. Mas, na nossa opinião a questão de fundo continua por enfrentar.

Este movimento da nova museologia deveria procurar identificar de que forma é que a museologia social pode potenciar a criação de inovação social através das práticas museológicas. Tomemos o exemplo acima referido das práticas democráticas. Hoje emergem nas comunidades inovadoras busca por práticas de democracia dialógica<sup>9</sup>. que se opõem à tradicional oposição entre democracia representativa e democracia participativa. Ou seja, o que nos interessa hoje saber é se esta nova museologia, no campo das suas práticas sociais, pode dar uma resposta adequada aos tempos que vivemos. Se respondermos afirmativamente importa saber como e aonde isso está ser praticado.

No nosso ponto de vista esta nova museologia tem capacidade para dar resposta à necessária inovação social. Na nossa análise da produção da inovação social não estamos a olhar para resultado. O que consideramos relevante é o processo. O processo de inovação social gera-se de processos onde o importante é a experiência de viver e aprender com os outros. A experiência de tomar voz e de ouvir as outras vozes. Os processos de inovação não procuram as ressonâncias mas procurar criar de novo, a partir do debate de ideias.

---

<sup>9</sup>As práticas da democracia representativa têm vindo a ser contestadas no âmbito dos movimentos sociais, propondo-se a sua correção pelos procedimentos da participação. Tal tem dado origem, em muitos locais, e sobretudo no caso português a vários procedimentos de democracia participativa ao nível do poder local, de que os orçamentos participativos são um exemplo. Habermas, na sua teoria da ação comunicativa ( Habermas, 2008), faz uma análise do modelo deliberativo, concluindo que os processos de legitimação e simbolização conduzem a ações comunicativas que se cristalizam em estruturas do Estado de Direito e Poder Judiciário. Estas estruturas constituem uma esfera pública que se complementa com uma esfera da sociedade civil. A tensão entre a racionalidade e ação comunicativa constituem-se como o eixo de tensão dialética entre a conservação das estruturas das instituições públicas e as estratégias de inovação da sociedade civil. O processo é regulado pela criação de consensos. Esta teoria tem vindo a ser contestada pelas teoria reflexivas, onde a procura de consenso é substituída pela busca do Compromisso. O compromisso é uma busca pelo dialogo de novas soluções. Em política tal só emerge se as instituições se constituírem como espaços de dialogo. Anthony Giddens em *As Consequências da Modernidade* é um dos autores que defende a proposta de dialogo como metido de decisão (Giddens, 1996), uma democracia dialógica.

As suas formas de organização são muitas vezes efémeras, mas a experiência e a abertura ao que é novo é o que tem valor.

O Kairos da inovação social é esta abertura e liberdade de explorar novos caminhos e novas formas de organização como experiência de grupo. Nos movimentos de inovação social está a nascer as formas de futuro. Por isso afirmamos que nessa nova museologia, onde se procura criar inovação social, estão a nascer novas formas de experiências práticas. Nestes movimentos está a nascer o futuro.

Vamos então olhar para onde é que está a nascer esse futuro. Onde é que esta museologia social se está a procurar conectar como os ritmos do mundo. Quem está a procurar criar, a partir do local, conexões com as lutas globais. Quem é que localmente está a usar o património e as heranças para as usar de forma criativa na construção da inovação social. Olhar para quem a partir do local procura alternativas mutualistas às economias do consumo. Quem numa escala local, procura trabalhar os patrimónios a partir do encontro, procurando alternativas a sociedade dos indivíduos. Quem nos espaços e processos museológicos procura criar conexões de ação para mobilizar as comunidades.

Em suma é necessário saber quem é que está afirmar um novo paradigma de transição e a implementar uma museologia dos afetos. Quem é que localmente está a utilizar os instrumentos das tecnologias da comunicação para incrementar as conexões com o mundo global na museologia.

## **Sete museus com trabalho de museologia social em Portugal**

A partir da análise de sete casos vamos procurar demonstrar essa vitalidade. Uns que são herdeiros dessa nova museologia, outros nem tanto. Alguns mais institucionais, com uma abordagem profissional mais condicionada pelo papel institucional, outros mais condicionados pela sua posição institucional. Alguns com uma atividade mais relevante em certos momentos, outros casos ainda como que promessas que não sabemos como se cristalizarão.

### **Monte Redondo- Leiria**

Começamos pelo Museu do Casal de Monte Redondo<sup>10</sup>. Museu criado por Mário Moutinho e companheiros nos anos oitenta, na localidade de Monte Redondo, uma área em pleno pinhal a vinte quilómetros da Leiria e que se tornou uma referência para esta nova museologia em Portugal.

Começou por se chamar Museu Etnológico e reuniu uma coleção de objetos etnográficos, com cerca de 2.000 peças, recolhidas pela comunidade. Foi um museu de referência para a museologia social em Portugal, durante largos anos ponto de encontros da comunidade mesológica. A sua peculiar forma de organização levantou, nomeadamente o seu funcionamento informal, levantou durante muitos anos problemas de reconhecimento por parte das entidades do estado. O Museu como não dispunha de um corpo de funcionários e estava organizado de forma voluntária. O acesso ao museu era feito de acordo com as disponibilidades, através duma chave que se encontrava depositada na entrada do próprio museu. Em 2012 o museu foi refundado, passou a contar com a participação de jovens da Aldeia, tendo a biblioteca sido dinamizada, o espaço de museu passou a funcionar como espaço associativa para a comunidade.

---

<sup>10</sup> <http://www.museumonteredondo.net>

## **São Brás de Alportel- Museu do Traje**

O segundo caso, do Museu do Traje de São Brás de Alportel<sup>11</sup>, localizado a sul de Portugal, é um museu criado numa antiga quinta, dispondo de uma residência senhorial onde está instalada a coleção permanente, e um espaço amplo, de ar livre, onde se realizam vários eventos, feiras e atividades do museu. Através de fundos comunitários foram construídas algumas instalações para instalação do depósito de objetos, biblioteca, bar e espaços de exposição temporários.

A nova museologia assume-se neste museu como uma forma de gestão. Através dum contacto com a comunidade local, foram identificados um conjunto de problemas relevantes para a vida local e da região. Essas questões são trabalhadas no museu por via da participação da comunidade, que se organiza com a forma de grupos. O museu é também um espaço de criação e de empreendedorismo. Está aberto a iniciativas de criação do próprio emprego, oferecendo o espaço através de trocas justas de bens e serviços. O modo de gestão do espaço tem procurado refletir de forma aprofundada na relação entre o museu e o espaço envolvente e a comunidade. As questões da sustentabilidade das atividades do museu constituem uma prioridade na programação das atividades.

## **Entradas Castro Verde – Museu da Ruralidade**

No meio da planície alentejana, o Museu da Ruralidade de Entradas<sup>12</sup>, é o terceiro caso que aqui alocamos. Criado num antigo armazém agrícola, numa aldeia de acentuada vocação rural no município de Castro Verde, uma das zonas mais envelhecidas e desertificadas de Portugal, o museu assume-se como espaço de tradição e modernidade. No espaço do museu foi instalada uma Taberna, ponto de encontro semanal da comunidade, onde com o pretexto do canto, os mais novos e os mais velhos se vão encontrando para dar azo arte do canto. Este trabalho é feito com base na colaboração da comunidade que participa em diferentes momentos de recolha das tradições e na posterior divulgação, através da formação de grupos corais nas escolas e associações no concelho.

---

<sup>11</sup> <http://www.museu-sbras.com/>

<sup>12</sup> <http://museudaruralidade.blogspot.pt/>

Paralelamente, uma vez por ano durante o Entrudo, o museu e a comunidade local envolvem-se num festival de danças, onde toda a aldeia é mobilizada para desenvolver atividades que exploram as diferentes dimensões da cultura local. Durante três dias, através do Entrudanças<sup>13</sup>, a força do ritmo do corpo provoca diálogos plurais. É certo que o festival dura apenas três dias, mas a mobilização que gera influencia a atividade do museu durante uma boa parte do ano.

## **Setúbal – Museu do Trabalho**

Avançando agora para o litoral, no Museu do Trabalho Michel Giacometti em Setúbal<sup>14</sup>, numa antiga fábrica da portuária cidade de Setúbal, a cinquenta vinte quilómetros a sul do Tejo, foi palco, durante uma dezena de anos, de atividades de forte ligação com a comunidade piscatória. O museu estava situado numa das zonas de maior concertação de pescadores, que tinham afluído à cidade portuária no início do século XX para o desenvolvimento das indústrias de conserva. Durante o tempo em que diretora Isabel Vitor desempenhou atividades, apercebendo-se dessa riqueza, o museu aproximou-se à comunidade para que ela fosse contando a sua história, fosse disponibilizando a sua memória. Foi um trabalho que se foi alargando a outras comunidades da cidade. Como cidade portuária que é, Setúbal acolhe uma multiplicidade de gentes das mais diferentes paragens. As tardes interculturais, constituem, nesse museu uma oportunidade para o trabalho da memória das diferentes comunidades.

## **Batalha – Museu da Comunidade Concelhia**

Um quinto exemplo, o Museu da Comunidade Concelhia da Batalha<sup>15</sup>, recentemente inaugurado numa casa da histórica vila da Batalha, À sombra do esplendoroso Mosteiro, património da humanidade, que ilustra de forma soberba a transição do mundo medieval, para o mundo do Renascimento, procura contar a história do assentamento urbano, dos operários que assentaram as pedras da imponente catedral. O elemento de maior relevância para a museologia social deste processo, é a forma como o programa museológico foi desenvolvido. Através da participação da comunidade, todo o espaço

---

<sup>13</sup> <http://entrudancas2014.pedexumbo.com/pt/>

<sup>14</sup> <http://www.mun-setubal.pt/MuseuTrabalho>

<sup>15</sup> <http://www.museubatalha.com/>

museológico e a respetiva coleção foram sendo discutidos e debatidos até se cristalizarem num processo expositivo. Com as portas abertas, o museu continua a trabalhar na sua ligação com a comunidade, alargando os seus processos de trabalho a um universos mais largado.

### **Castelo Branco – Museu Francisco Távares Proença Júnior**

Entrando para o interior, para as terras junto da raia com Espanha o Museu Regional Francisco Tavares Proença Júnior de Castelo Branco<sup>16</sup>, é um museu com interesse para a museologia social através da forma como as questões do género são trabalhadas. Mis uma vez, através da figura da sua diretora, a análise do discursos sobre o género e a evidencia do seu impacto na forma como as narrativas museológica são construídas. A nova museologia evidencia neste museu o valor dos discursos na construção das narrativas museológicas. Mas, o trabalho desta nova museologia, neste museu vai para além disso. Em Castelo Branco desenvolveu-se durante largas dezenas de anos a arte dos bordados. No espaço do museu mantém-se em laboração uma oficina de bordados, que não só serve como escola da comunidade, como ajuda a criar valor na comunidade.

### **São Pedro da Cova – Museu Mineiro**

Finalmente um sétimo e último caso. O Museu Mineiro de São Pedro da Cova<sup>17</sup> nas terras do norte, nos arredores do Porto, trata-se dum museu dedicado às questões da mineração. Existem é Portugal vários processos museológicos em tornos das questões da mineração. A mineração é uma das atividades mais interessantes para compreender a história portuguesa, sendo responsável por uma intensa comunicação entre as gentes. O Museu de São Pedro da Cova, Instalado na “Casa da Malta”, um espaço dedicado ao descanso dos trabalhadores da mina, procura mostrar os modos de vida e de trabalho dessa comunidade, ao mesmo temo que desenvolve uma importante atividade de sensibilização ambiental. Através dum trabalho educativo com as escolas da comunidade, o museu vai

---

<sup>16</sup> <http://mftpj.drcc.pt/site/index.php>

<sup>17</sup> <http://museumineirosaopedrodacova.blogspot.pt/>

trabalhando a memória e a identidade local, permitindo a emergência de múltiplas atividades que fomentam o associativismo e a mobilização coletiva.

## **A relevância da museologia social em Portugal**

Este breve balanço sobre alguns casos relevantes da museologia social em Portugal, uns entre tantos outros que temos vindo a emergir, muitas vezes se esse rótulo da nova museologia, permite-nos evidenciar as questões que temos vindo a procurar demonstrar.

Argumentamos que a agregação dos membros desta nova museologia em Portugal acolheu muita da experiência social que havia sido desenvolvida no período da democratização. Essa experiência, acabou por ser incorporada na reflexão académica, por via duma institucionalização do ensino da museologia social. Essa condição favoreceu de forma substancial a reflexão teórica sobre a museologia, permitindo a concretização de importantes experiências museológicas.

Como pudemos também argumentar, essa situação ocorre num período de refluxo dos movimentos sociais, onde a criatividade e a inovação foram menos valorizadas em detrimento duma aproximação às estruturas reguladoras e normativas. As políticas públicas culturais tenderam a privilegiar a criação de rede de equipamentos culturais e de património e centraram-se na criação de instrumentos reguladores dos processos de intervenção.

Os museus e os movimentos sociais são constituídos por pessoas que se organizam socialmente nas formas disponíveis. Ora em Portugal, entre 1985 e 2009 viveram-se, por via dos processos de integração europeias, trinta ta anos de elevada transformação social, de grande bem-estar e disponibilidade de recursos que absorveram grande parte da energia dos movimentos sociais ao mesmo tempo que lhes foram normalizando as práticas.

Na falta de movimentos sociais fortes na sociedade, e perante as possibilidades de caminho abertas pelas políticas públicas orientadas pelo Estado e pelo governo europeus, os museólogos sócias foram encontrando formas de ação que se ajustaram às circunstâncias.

É também necessário não esquecer que esta museologia social, ao nível português e europeu continua a ser uma museologia minoritária. Uma museologia empenhada, aceite pelos seus pares, mas ainda longe de convocar grandes atenções.

Pelas razões de contexto e circunstância esta museologia social foi-se construindo a acantonando nos espaços mais tradicionais, não procurando a riqueza dos movimentos sociais mais criativas da sociedade.

Quando os museólogos estão empenhados no trabalho social, no trabalho com as comunidades, abrem-se vários caminhos de possibilidade. Contudo, como sabemos, os museus são para além de espaços de memória, espaços de poder. E como tal, os museólogos e museólogas sociais também se confrontam com as pequenas e grandes tensões que casa espaço comporta.

Constituindo Portugal um espaço periférico da Europa, as diferentes tensões e os diferentes poderes que se vão debatendo na sociedade, e perante os escassos recursos disponíveis, conduzem a que os museus sejam lugares de acesas disputas de memória e de poderes. Desse modo compreende-se melhor que apesar da intensa vitalidade da nova museologia em Portugal e de através da sua intensa atividade formativa, a expressão continuada e a capacidade de construção de inovação das diferentes práticas museológica se encontra fortemente condicionada pela capacidade de intervenção dos seus agentes.

Finalmente um outro fator que também explica uma certa limitação dos casos e das práticas de uma nova museologia comprometida e emancipatória em Portugal, relaciona-se com uma relativa distância dos atores com as vivências das comunidades. A maioria dos atores da nova museologia chega às práticas dessa nova museologia por via académica. Isso é particularmente visível nos encontros organizados pelo MINOM, com base num modelo escolar da transmissão do saber. São encontros formatados nas hierarquias dos saberes e dos poderes. São espaços, onde ao invés de se viverem as experiências de inovação social, se celebra o saber escolástico e os poderes fáticos locais.

A esta museologia de celebração contrapõe-se hoje a vastíssima experiência dos movimentos sociais de inovação, que nos mostram formas de fazer uma outra prática política emancipatória. A aplicação dos modelos participativos, o desenvolvimento de práticas criativas, a procura dos problemas locais, das sensibilidades e a criação de espaços de afetos são componentes destes novos movimentos que estão ausentes das práticas e dos processos desta nova museologia.

O envolvimento dos modelos participativos dispõe hoje de recursos para o desenvolvimento de práticas criadoras nos encontros. Um certo receio de enfrentar a criatividade acaba por levar a modelos de intervenção muitos fechados, pouco ajustados às questões que se pretendem tratar.

Estes elementos, junto com uma séria de reflexões que tem vindo a ser feitos no Movimento da Nova Museologia em Portugal, explicam talvez em parte que em Portugal se verifique uma riqueza teórica muito elevada e uma experiência prática ainda limitada e de fraca durabilidade.

## **Que nova museologia para a inovação social**

Concluindo esta nossa reflexão sobre os movimentos sociais e a nova museologia em Portugal, verificamos que ainda um caminho a percorrer para o movimento da museologia social se sintonizar com os movimentos sociais. Identificamos mais acima que há um novo tipo de movimento social, um movimento que não tem na sua génese grandes ideais de orientação política, mas que corporizam, apesar de tudo ideias de justiça, de igualdade, de paz, de preocupação sobre o estado do mundo. Se por um lado não apresentam grandes reivindicações, traduzem uma grande parte das preocupações locais.

Também verificamos que estes movimentos de caracterizam pela sua horizontalidade, por transportarem agendas abertas e procurarem a inovação a dimensão participativa tem-se vindo a afirmar como modo de ação política. Na dimensão participativa sente-se que estão a emergir novas formas de prática democrática. Demos o exemplo da democracia dialógica, onde se procura uma conciliação entre os fins e os meios. Um processo participativo que se tem vindo a afirmar como um princípio de regulação política. A democracia dialógica procura ultrapassar alguns bloqueios que a democracia participativa já tinha revelado, incrementando os processos de democracia direta e ação direta, em detrimento dos processos de representação que caracterizaram as instituições políticas da modernidade.

Os movimentos sociais na história não foram movimentos políticos. São movimentos que podem ter implicações políticas, nas organizações políticas. A mudança social é um processo de mudança cultural. É através da exploração de novas formas de intervenção na sociedade que se produz mudança cultural. A alteração das relações de exercício do poder social que os movimentos sociais estão a produzir, está a obrigar a uma alteração das relações dos políticos e do sistema político com a sociedade. A transição da sociedade industrial para a sociedade em rede, da sociedade de comunicação, não pode ser feita com as mesmas instituições de poder. Estas instituições são duma sociedade que já não existe. A instituição política que herdamos da sociedade industrial está bloqueada. Está incapaz de resolver os problemas sociais e procura, através do enfrentamento com os movimentos sociais, impedir essa alteração.

Por isso que a organização desta nova museologia, quer as suas práticas necessitam de se ajustar aos ritmos da mudança e sobretudo

necessita de se transformar em espaço de partilha e de construção de experiências. A museologia social, como verificamos é um campo de experimentação para este novo tipo de movimentos social. Como sabemos as questões da mudança e da tradição, entre o local e o global permanecem como uma das problemáticas na teoria social e uma questão central no campo dos estudos patrimoniais. Os processos museológicos ganham através dessa tensão relevância para o trabalho sobre a inovação social.

A questão da inovação Social é uma problemática emergente no campo da museologia. A questão das comunidades viverem num tempo de mudança acentuada a associada à presença dominante de um modelo tecnológico com empresarial (com um regulação pelo mercado), exige que a organização social encontre uma resposta para além desse mercado.

Se a abordagem do social, pelo campo das ciências sociais, tem sido marcado por uma certa análise dos olhares sobre a inclusão das comunidades, e na criação de capacidades nas populações marginalizadas e excluídas dos processos hegemónicos; as novas abordagens da teoria social procuram centrar-se nos processos de mudança social, construída pelos próprios atores sociais, a partir da mobilização dos seus sabres.

A inovação social, como problemática da museologia passara então a centrar-se na mobilização dos objetos patrimoniais para a satisfação das necessidades humanas, com base na pessoa na sua dimensão física e afetiva, na inclusão e na participação de todos nos processos e na capacitação social dos sujeitos (do eu para o todo). A museologia assume-se como um processos de busca de relações de poder, procurando colocar os atores sociais em diálogo e criar compromissos de ação.

A museologia dos movimentos sociais procura criar narrativas inclusivas e evitar a narrativas exclusivas. É uma museologia que procura criar evocações (capacidade de comunicar) no espaço e colocar os atores face a face para procurar a dimensão humana e o encanto. A inovação social dispõe duma dimensão política de emancipação social. Por isso dispõe dum potencial de transformação que importa entender. É necessário entender em que contexto se gera a inovação social e em que contexto se realiza.

O movimento da nova museologia tem-se mostrado atendo à questão da inovação social. Contudo, em Portugal, o movimento desta nova museologia, apesar do seu contributo teórico tem-se mostrado, nestes últimos anos, aprisionado do seu sucesso no passado. Tem-se constituído como um movimento que não tem tido a capacidade de inovar nas suas práticas coletivas, ao mesmo tempo que os processos que dinamiza, na maioria dos casos resultam de experiências académicas. Experiências muito pouco enraizadas numa proximidade com os movimentos sociais. Tem-se desenvolvido uma museologia celebratória, que mobiliza de forma insuficiente os principais atores sociais.

O Caso Português da museologia social pode ser abordado como um caso de estudo. Foi um modelo que partindo dum princípio teórico de desenvolvimento da participação das comunidades para ativar os recursos patrimoniais como recurso para o desenvolvimento dos territórios, se confrontou com fortes políticas públicas, onde o Estado (nacional e comunitário) atua como financiador das diferentes redes. Este domínio dos processos de financiamento acabou por condicionar os diferentes processos, na medida em que obriga à conformação das ações como modelos preestabelecidos no quadro das organizações do próprio estado.

Há no entanto um grande potencial a explorar na ligação dos processos da museologia social aos movimentos sociais. A questão do empreendedorismo social, tem-se vindo a mostrar como um instrumento adequado a geração e formas de economia popular e solidária. Os processos museológicos podem constituir-se como incubadoras sociais, como alguns equipamentos já mostram, como espaços experimentais da aplicação de novas tecnologias, de novas práticas sociais de participação e decisão.

As práticas sociais e os discursos dominantes tendem a privilegiar o empreendedorismo individual em detrimento do empreendedorismo social. A museologia social apresenta na sua matriz as condições necessárias para reinventar a emancipação social em Portugal. Sabemos que o papel do terceiro setor, o setor social está a ser profundamente reequacionado na crise económica e social atual. A museologia tem um papel a desenvolver no uso das memórias da comunidade. A questão desta nova museologia social é agora como mobilizar as pessoas para trabalhar na comunidade. É necessário ter confiança nas pessoas e nos processos para criar redes colaborativas.

A museologia social em Portugal, apesar das suas contradições e condicionantes que mais acima identificamos, apresenta o vigor necessário para se envolver em processos de inovação social. Para isso necessita de resolver algumas questões sobre as suas práticas. De forma a desenvolver os processos participativos de forma plenas, do planeamento à decisão da ação, dos mecanismos de avaliação aos processos de revisão de prioridades. Os processos museológicos desta nova museologia devem procurar trabalhar nas esquinas do mundo, olhando as trocas culturais por causas numa economia social. Uma economia onde a troca é uma alternativa ao consumo, uma economia que parte dos recursos locais, que os reutiliza, recicla, e evita o espírito do consumo para se centrar no Encontro.

A museologia social que se tem vindo a afirmar hoje em Portugal necessita de assentar em redes colaborativas, gerar produtos colaborativos e promover a inserção social através de projetos colaborativos. A missão de MINOM em Portugal, passa em boa medida por favorecer a emergência das dimensões participativas nos processos em que se envolve, construindo-a a partir da dimensão global das questões dos patrimónios como espaço de encontro e espontaneidade.

A provocação que lançamos ao MINOM para este debate é o desafio de abandonar a miséria numa museologia celebratória para se assumir como um movimento numa museologia de afetos envolvida nos processos de emancipação social.

## **A Miséria da Museologia e a Inovação Social**

Regressando agora ao tema do nosso título, a Miséria da Museologia, ele remete para uma polémica ente Pierre Joseph Proudhon e Karl Marx, já lá vão quase duzentos anos, sobre a natureza do valor do capital e do trabalho no âmbito da economia política.

Em a miséria da filosofia, um livros escrito em 1846, na sequencia duma série de observações sobre a propriedade, Proudhon procura demonstrar que a teoria do valor, iniciada por David Ricardo e Adam Smith, nada mais é do que um embuste. *“E quando a Academia pede que se determine as oscilações do lucro e do salário, ela pede por isso que se determine o valor. Ora, isso é precisamente o que repelem os senhores académicos: eles não querem ouvir falar que se o valor é variável, ele é por isso mesmo determinável, que a variabilidade é indício e condição da determinabilidade. Eles pretendem que o valor, variando sempre, não pode jamais ser determinado. É como se sustentássemos que, sendo dado o número de oscilações por segundo de um pêndulo, a amplitude das oscilações, a latitude e a elevação do local onde se faz a experiência, não pudesse determinar o comprimento do pêndulo porque está em movimento.”* (Proudhon, 2002) A economia política não passa dum embuste para justificar a relação de dominação do capital sobre o trabalho com base na propriedade.

A resposta de Marx, em a Filosofia da Miséria (Marx, 1946) escrita em 1848 Marx procurará demonstrar que a teoria do valor é crucial para o entendimento da economia política do capitalismo. A relação de contradição, entre o capital e o trabalho expressava a necessária resolução dialética pela revolução. Mais tarde redigirá, como sabemos, o Capital, onde detalhará as suas análises sobre os processos mercantilização do trabalho, que fundamenta a acumulação do capital.

Pego nestas duas questões para trabalhar a Museologia da Miséria face à Miséria da Museologia. Onde está o valor do trabalho museológico. Do lado dos objetos ou do lado a inovação que produz na sociedade.

Grosso modo, a proposta da sociomuseologia vem propor a função social como um elemento de relevância para o trabalho museológico. Se de um lado, enquanto técnica, temos um conjunto de operações metodológicas a que chamamos de museografia, que envolvem os

processos de conservação, restauro, investigação e comunicação (expografia); do outro lado, o local onde isso acontece, o espaço museológico, implica igualmente as questões de gestão, de organização e de marketing. A este trinário matricial, do objeto, no museu, e do público visitante, a sociomuseologia vem alargar os campos, a novos objetos, ao território e à comunidade. A operação que legitima a ação museológica, a sua função social, desloca-se do olhar sobre o objeto/museu/público para a sua função no desenvolvimento das comunidades e territórios. Um lugar onde os objetos passam a ter um outro lugar epistémico (Pereira, 2010).

A questão da função social da museologia esta hoje adquirida. A museologia tem que ter uma função na sociedade. No seu desenvolvimento. A comunidade deve participar nos processos museológicos. Uma participação que pode ser nos seus diferentes processos, seja de inventário, seja de processos expositivos, seja na conservação. Digamos que a questão da função social da museologia passa, em grande medida, para a questão sobre a sua capacidade para a produção de inovação social.

Como é que esta museologia social trabalha no campo da Inovação Social. Ora neste domínio temos vindo a trabalhar os processos de aprendizagem na museologia. A museologia tradicional, como vimos noutros lugares (Leite, 2014) tem vindo a apresentar aquilo a que vulgarmente consideramos como narrativas efetuadas com base no pensamento convergente.

Ora o que sabemos pelos diversos trabalhos sobre a inovação social, as sociedades na busca de inovação, devem favorecer processos de aprendizagem com base no pensamento divergente.

Sabemos que os processos de aprendizagem são múltiplos, e que cada indivíduo desenvolve mais apetências por determinados processos. Enquanto uns desenvolvem mais as competências visuais, outros as verbais e ainda outros as lógicas, enquanto que estes outros se envolvem nas competências físicas, outros ainda desenvolvem a capacidade de entender o outro. Uns aprende mais solitária mente outros em grupo. É desse processo que emerge a inovação. Logo, os processos museológicos devem, também ele permitir a emergência de processos múltiplos.

Todos sabemos que cada um aprende de diferentes formas. Na verdade não há uma única forma de aprender. Em cada situações

podem ser usadas diferentes técnicas e estratégias. O que é importante é que cada um desenvolva os diferentes formas de aprendizagem e as use e experimente conforme achar que é mais adequado. Não há uma receita única.

O que parece ser mais interessante é o uso de aprendizagens múltiplas para o desenvolvimento de inteligências múltiplas. Usar várias formas de aprendizagem é um processo que rompe com os estilos tradicionais. Por exemplo, o ensino escolar tradicional, usa e continua a usar, principalmente, as competências linguísticas e lógicas. Embora as competências artísticas e físicas sejam reconhecidas como valor de aprendizagem, fora das suas áreas específicas, raramente são usadas como estratégia ou como técnica.

As escolas ainda continuam a usar a sala de aula, o livro, a repetição como método, e a avaliação através do exame. O resultado disso não é difícil de entender. Os que desenvolvem bem essas competências, e as escolas que os favorecem, são rotuladas como boas e os outros métodos ou experiências são rejeitados.

Estamos aqui perante a teoria do valor, medido numa escala de inteligente a "burro". Sendo que a primeira categoria fundamenta a sua expansão em proporção geométrica, remetendo a segunda para uma exclusão.

Se as diferentes aprendizagens permitem o desenvolvimento de múltiplas inteligências, podemos concluir que o desenvolvimento de apenas algumas delas, conduz a um desequilíbrio societal, onde uns encontram condições ambientais para prosperarem, enquanto que outros, nas margens desse sistema, encontram muitas dificuldades para se desenvolverem.

É aqui que chegamos à questão do movimento de aprendizagem cinestética. O movimento de aprendizagem Cinestética (o Kinesthetic movement) defende que a aprendizagem mental deve ser acompanhada por uma aprendizagem externa. Isto é, paralelamente ao modelo verbal e linguístico, devem ser desenvolvidas os modelos experimentais. Nada que não se faça já na ciência através da experiência. Mas como veremos são ainda situação de aplicação muito limitadas.

Vamos então agora ao mundo dos museus. Facilmente se entende que o modelo dos museus, com a tão defendida função educativa,

pouco mais faz do que reproduzir o modelo de comunicação formal, com base na observação, na distância. Há naturalmente várias e excelentes exceções.

Em tempo defendemos mesmo que haveria três tempos na formação do mundo dos museus. O tempo primitivo, das galerias de curiosidade, o tempo dos museus exposições, fundado no século XVIII, com as coleções organizadas de forma temática e os procedimentos museísticos, e o tempo da ciência, onde a coleção deixa de ser constituída por objetos naturais, para passar a ser construída para propósitos de exposição.

Para dar alguns exemplos, em Portugal, no primeiro modelo, teríamos como exemplo, o museu da sociedade de geografia, no segundo caso, os museus tradicionais (museu de arte antiga, de etnologia, de arqueologia) e no terceiro caso os "ciência viva". É claro que estas questões não são lineares e haverá muitos casos em que os processos se misturam.

O que nos interessa salientar, para a questão da miséria da museologia, é que mesmo nesta última vaga de museus, museus onde os objetos são construídos, apesar de importantes inovações, no domínio da manipulação, do tátil, dos cheiros, dos sons, ainda há uma ausência do movimento. Digamos que são museus que apelam às aprendizagens pelo visual (observação), ao verbal, numa atividade solitária.

O objeto é o centro da exposição, ao invés do sujeito ser o centro da exposição. É necessário acrescentar as dinâmicas do movimento à museologia. Dinâmicas que favoreçam a criação de conexões emocionais e cognitivas para obter respostas emocionais. Os processos museológicos podem ser usados para aumentar a integração, a cognição, os afetos e as expressões físicas da comunidade. Aumentar a expressividade na comunidade adiciona-se deste modo a função de incrementar a consciência de si e do mundo. A inovação social como função na museologia

## Bibliografia

- ARENDDT, Hannah (2001). *A Condição Humana*, Lisboa, Relógio de Água, 406 páginas
- ARISTOTELES, (1986) *Poética*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 316 p
- BRUKE, Peter (2008). *O Espaço Vazio*, Lisboa, Orfeu Negro, 222 páginas
- BRUNO, Cristina (1996), "Museologia e Comunicação" in *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, nº 9
- BRUNO, Cristina (2004), "As expedições no Cenário Museal" in *Expedição São Paulo 450 anos*, São Paulo, Museu da Cidade de São Paulo, pp 36-47
- CASTELLS, Manuel (2006). *A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação Política*. Lisboa, INCM, 435 páginas
- CHAGAS, Mário (2009). *A Imaginação Museal: Museu, Memória e Poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*, Rio de Janeiro, Ministério da Cultura/IBRAM, 257 páginas
- DELANTY, Gerard, (2010). *Community*, London, Routledge, 188 páginas
- DESVALLÉES, André (1992-4). *Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*. Paris:
- DESVALLÉES, André e MAIRESSE, François, (2014). *Conceitos Chaves da Museologia*, São Paulo, ICOM-BR/ SECSP (disponível em [http://www.icom-portugal.org/noticias\\_arquivo.aspx?nid=422&op=detalhes&menu=158&id=158](http://www.icom-portugal.org/noticias_arquivo.aspx?nid=422&op=detalhes&menu=158&id=158))
- FREITAS, Lima de e MORIN, Edgar, NICOLESCU, Besarab (1994). *Carta da Transdisciplinaridade*, Arrábida, Encontros da Arrábida/UNESCO
- GIDDENS, Anthony (1996). *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora, 126 páginas
- GIDDENS, Anthony (1996). *Novas Regras do Método Sociológico*, Lisboa Gradiva, 193 páginas
- HABERMAS, Jürgén (2008). *Racionalidade e Comunicação*, Lisboa, Publicações Dom Quixote
- HONNET, Axel (2011). *Luta pelo Reconhecimento: para uma gramática moral dos conflitos sociais*, Lisboa, Edições 70, 287 páginas
- LEITE, Pedro Pereira (2014). "Olhar o outro: narrativas museológica sobre a diversidade na época da globalização" in *Revista de Museologia Universidade Complutense de Madrid*, (no prelo).
- MAYRAND, Pierre (2009). *Paroles de Jonas: augmentés com essais D'Altermuseologie*. In *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, nº 31
- MARX, Karl (1946). *Miséria da Filosofia: Resposta à Filosofia da Miséria*, São Paulo, Editora Flama.
- MOUTINHO, Mário (2007). "Definição Evolutiva da Sociomuseologia" in *XIII Atelier Internacional do MINOM*, Lisboa ([www.museologia-portugal.net/sociomuseologia](http://www.museologia-portugal.net/sociomuseologia))
- PROUDHON, Pierre Joseph (2003). *Sistemas das Contradições Económicas ou A Filosofia da Miséria*, São Paulo, Icone Editora
- PEREIRA, Pedro Cardoso (2010). *O Património perante o Desenvolvimento*, Lisboa, Tese de Doutoramento em Museologia, ULHT

PEREIRA, Pedro Cardoso (2011). A Cultura perante o Desenvolvimento, Lisboa, Pós-doutoramento em Cultura e Comunicação, Faculdade de Letras de Universidade de Lisboa

PRIMO, Judite (2007). "Documentos Básicos em Museologia: Principais Conceitos" in Cadernos de Sociomuseologia, nº 28, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

SANTOS, Boaventura de Sousa. (2002). A Crítica da Razão Indolente: Contra o desperdício da Experiencia, Porto, Edições Afrontamento, 373 páginas

SANTOS, Boaventura de Sousa. (2006). A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política, Porto, Edições Afrontamento, 359 páginas.



